

POLÍTICA ECONÔMICA

Diminui desemprego na Grande São Paulo

Ainda existem 1,27 milhão de desempregados na região, mas técnicos acreditam que a tendência é o número diminuir em junho



A taxa de desemprego na Grande São Paulo voltou a cair em maio e técnicos do setor avaliam que essa tendência deverá permanecer em junho. Em abril, o nível de desemprego era de 16,1% e no mês passado ficou em 15,9%. Os números indicam, porém, que ainda há 1,27 milhão de trabalhadores desempregados na região.

"A taxa ainda é alta, mais começa a cair mais cedo do que no ano passado", conta Anez Andraus, diretora da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados Econômicos (Seade), que pesquisa o nível de emprego em conjunto com o Dieese. "A queda é promissora, pois no mesmo período de 1992 a taxa era maior", lembra.

Os novos empregados, porém, estão trabalhando em condições muito precárias, segundo Anez. As empresas, explica, ainda não acreditam na consistência da retomada da atividade econômica. "Há muitos trabalhadores sem carteira assinada, contratados como autônomos", diz a diretora da Seade. Com isso, os empregadores reduzem as despesas rescisórias, caso precisem demitir os funcionários nos próximos meses.

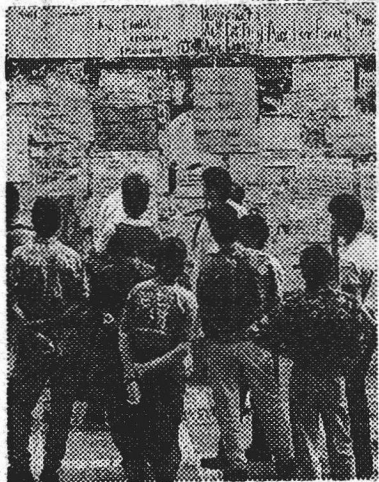
Os técnicos afirmam, ainda, que os empresários aproveitaram o período recessivo, de certa forma, para aumentar o nível de qualificação dos seus empregados. Além disso, investiram em tecnologia, até por exigência dos compradores e da abertura do mercado, compraram novas máquinas e dificilmente recontratarão os mesmos profissionais demitidos nos últimos três anos.

"O ajuste provocado pela crise e a evolução tecnológica estão fazendo com que o desemprego deixe de ser um problema meramente econômico e se transforme em social", diz Anez. Segundo ela, a reciclagem profissional tem sido uma constante na Europa e consta até dos contratos coletivos. No Brasil, "não se dá conta nem da educação formal e os sindicatos não têm dado a devida importância ao assunto".

Recolocado — A falta de reciclagem não é o caso de Edson André de Oliveira, mas ele ficou sem trabalho nos últimos três anos. Na época do Plano Collor, ele estava ampliando sua empresa e acabou quebrando. Tentou várias formas de trabalho, mas não deu certo. Há 15 dias, sentindo a retomada da atividade econômica, resolveu criar a Steel-Tec, empresa especializada em facas para corte vinco — material utilizado pelas gráficas na feitura de embalagens ou adesivos.

Oliveira não conta, ainda, com funcionários, mas o trabalho tem sido intenso. "Nem consigo sair para visitar potenciais clientes novos", diz. Na última semana, conta Oliveira, teve dia que precisou virar a noite trabalhando para poder dar conta dos pedidos.

Marcia Zoel/AE



Olho no emprego

Nível de desemprego caiu de 16,1% para 15,9%



Fernando Sampaio/AE

Casas cheias

Quem quiser saborear a feijoada light do Rubayat, a Cr\$ 500 mil por pessoa, tem de enfrentar fila. Desde o mês passado, o restaurante vem registrando aumento das reservas de mesa. Aqueles que chegam de surpresa, em consequência, são obrigados a esperar. "Estamos de casa cheia, em parte porque as empresas voltaram a fazer almoços de negócios", comemora Belarmino Iglesias, proprietário do restaurante.

Para ele, contudo, é cedo para falar em recuperação. Iglesias prefere creditar o fenômeno a uma "bolha de consumo". O movimento, explica, é decorrente da campanha que o Rubayat está fazendo para promover o porco light (com pouca gordura, criado mais solto). Há ainda outro aspecto: os pratos tiveram queda real de preço. "Ficamos 40 dias sem

mexer nos preços", diz ele. E o último aumento, ontem, foi de 18%.

De janeiro a março, os três restaurantes da rede Rubayat vinham registrando queda no movimento de 5%. De lá para cá, o crescimento tem sido de 10%. Nas quartas-feiras e sábados, dias de feijoada, a clientela aumenta 30%.

No francês La Tambouille, um restaurante na Avenida Nove de Julho que cobra US\$ 50 por refeição, o movimento também está bom — "graças a Deus", como diz Rosa Falcone, vice-presidente do Grupo Giancarlo Bolla, dono da casa. A noite, segundo ela, a espera é de meia hora. "Não podemos reclamar, os homens de negócios e pessoas da sociedade continuam frequentadores assíduos", afirma.